

IMAGENS MENTAIS DE PESSOAS CEGAS: A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA *Mental images of blind people: environmental perception in phenomenological geography*

Bianca Beatriz Roqué¹

Alessandro Filla Rosaneli²

RESUMO

O presente texto se constitui de indagações que propõem compreender o processo de formulação de imagens mentais em pessoas cegas a partir da percepção que envolve os sentidos do tato, olfato, audição e conduzem sua orientação no espaço público. Divide-se em quatro partes para expor referenciais teóricos, metodológicos e empíricos: na Fenomenologia, na Geografia Humanista Cultural, acerca do espaço público e sobre as habilidades e restrições de pessoas cegas. Todas as categorias analisadas apontam para a relação das imagens mentais com a percepção, e a indissociação dessas com os juízos, sentimentos e afetividades imbricadas na relação pessoa-meio. Defende-se que uma das maneiras de viver experiências fenomenológicas é despir-se de todos os preconceitos existentes e abrir-se para o conhecimento, imergir em novas culturas, conviver com a alteridade para compreender o que sentem, como pensam, agem e vivem.

Palavras-chave: Imagens Mentais. Pessoas cegas. Espaços públicos.

ABSTRACT

The present text consists of inquiries that propose to understand the process of formulating mental images in blind people from the perception that involves the senses of touch, smell, hearing and that conduct their orientation in the public space. It is divided into four parts to expose theoretical, methodological and empirical references: in Phenomenology, in Humanist Cultural Geography, about the public space and about the abilities and restrictions of blind people. All the analyzed categories point to the relation of the mental images with the perception and the indissociation of these with the judgments, feelings and affectivities involved in the person-environment relation. It is argued that one way of experiencing phenomenological experiences is to strip away all existing prejudices and open oneself to knowledge, to immerse themselves in new cultures, to live with otherness to understand what they feel, how they think, act and live.

Key-words: Mental Images. Blind people. Public spaces.

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFPR. biancabeatrizroque@gmail.com.

✉ Av. Cel. Francisco H dos Santos, 100, sala 108, 1º andar, Centro Politécnico, Edifício João José Bigarella, Curitiba, PR. 81531-980. Caixa Postal 19001

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFPR. alefilla@yahoo.com.



INTRODUÇÃO

É muito comum observar pessoas cegas caminhando pelas cidades brasileiras em meio a uma profusão de elementos que tornam esse ato um verdadeiro desafio na concepção de quem enxerga. Pelo senso comum, são construídas concepções sobre a cegueira que não condizem com o que as pessoas cegas pensam de si.

Se uma pessoa que enxerga vendasse os olhos e tentasse caminhar pelas ruas sozinha dificilmente conseguiria fazê-lo, pois é uma condição temporária de não enxergar. As pessoas que constituem sua existência a partir da visão podem considerar essa experiência assustadora. De fato, a cegueira não é uma condição, mas um modo de ser, ou, nas palavras de Marandola Jr. (2005, p. 49) “experiência e existência são indissociáveis”. Assim, tais experiências constituem o ser da pessoa cega, que desenvolvem suas habilidades ao longo da vida, devido à apuração de suas percepções, focadas nos outros sentidos, sendo capazes de distinguir detalhes despercebidos por pessoas videntes.

Por outro lado, a fenomenologia busca compreender o fenômeno como aparece para nós e, no caso desse relato, como os espaços públicos aparecem às pessoas cegas. Portanto, a cegueira aqui não é analisada enquanto uma deficiência ou inferioridade, mas um modo diferente de ser no mundo. Dessa forma, ao enveredar em novos mundos, pode-se compreender novas perspectivas a partir da imersão em alteridades distintas.

Em nossa cultura existe uma atribuição de importância ao sentido da visão, quase uma hegemonia em relação aos outros sentidos, opinião partilhada por autores de diversas áreas do conhecimento: Tuan (2012, p. 22) acredita que “dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo”. Por sua vez, Gomes (2013, p. 23) afirma que “o

atributo da visibilidade é [...] central na vida social moderna e se ativa e se exerce pela existência dos diferentes espaços públicos”. Para Le Breton (2016, p. 16) “o uso corrente da noção de visão de mundo para designar um sistema de representação (ainda uma metáfora visual) ou um sistema simbólico próprio a uma sociedade traduz a hegemonia da visão em nossas sociedades ocidentais”. Em complemento, Pallasmaa (2010, p. 16) acrescenta que “a visão e a audição são agora os sentidos socialmente privilegiados, enquanto se considera aos outros três como restos sensoriais arcaicos com uma função meramente privada e, normalmente, são suprimidos pelo código da cultura”. Por fim, Mocarzel (2008) expõe, em seu documentário “Sentidos a Flor da Pele”, uma pessoa que perdeu a visão afirmando que “a visão é o sentido mais forte que a gente tem, se sobrepõe a tudo. Quando a gente enxerga não presta muito atenção nas outras coisas”.

Nesse sentido, é curioso indagar: Como pessoas cegas formulam imagens mentais na experiência de caminhar por espaços públicos? Quais seriam os referenciais percebidos sensorialmente? A primeira questão está relacionada aos tempos passado e presente. As experiências já vividas permitem trazer à memória possibilidades de caminhos, pensando nas vantagens e desvantagens das escolhas e, assim, antecipar o trajeto na mente. Já a segunda, refere-se ao momento presente, em que se realiza o trajeto.

Nesse texto,³ fruto de pesquisa em desenvolvimento no âmbito da Geografia Humanista Cultural, amparada em abordagem fenomenológica, busca-se discutir um caminho teórico-metodológico, pensando nos autores, referências e conceitos que podem iluminar as discussões epistemológicas, práticas e empíricas. Para tanto, constitui-

³ Esta pesquisa é parte da tese de doutorado que está sendo desenvolvida pela autora no programa de pós-graduação em Geografia da UFPR. Uma pesquisa empírica foi realizada no primeiro semestre de 2016, onde a pesquisadora e mais dois autores cegos caminharam pelo centro de Curitiba a fim de registrar estas percepções.

Imagens mentais de pessoas cegas: a percepção ambiental na geografia fenomenológica

Bianca Beatriz Roqué e Alessandro Filla Rosaneli

se de algumas seções que estruturam-se nas indagações: Como a Fenomenologia e a Geografia conceituam imagens mentais? Porque o espaço público foi escolhido para essa investigação, em detrimento de outros espaços? Quais fontes de relatos de pessoas cegas sobre suas experiências com o ambiente podem ser investigadas?

Algumas categorias clássicas da Geografia podem ser recuperadas para responder tais questões. As pessoas cegas podem desenvolver a habilidade de caminharem pelos espaços públicos sem o auxílio de acompanhantes videntes. Ao longo dos últimos anos, o conceito de paisagem, na Geografia Humanista Cultural, vem incorporando a presença destes sentidos em sua composição, ao criar conceitos como: paisagens táteis, paisagens olfativas, paisagem sonoras, e paisagens do caminhar. Sendo assim, admite-se que a paisagem não existe por si mesma, como algo dado e estático, mas a partir da percepção de pessoas, incorporando a dimensão da subjetividade. O lugar é um outro conceito da Geografia, entendido enquanto a afetividade das pessoas pelos ambientes. Considerando que tal sentimento também é construído por outros sentidos, não apenas da visão, cabe questionar como se constitui a lugaridade das pessoas cegas. Portanto, compreender a percepção do espaço por pessoas cegas é uma essencial contribuição para reflexões dos conceitos geográficos.

AS IMAGENS MENTAIS EM PESQUISAS FENOMENOLÓGICAS

A fenomenologia implica em uma postura do pesquisador frente a sua proposta de estudo, que envolve certa complexidade na escolha dos métodos empregados, pois exige a todo instante uma (auto)reflexão quanto à coerência de suas ações em relação à postura científica assumida, considerando que não existe uma fórmula pré-definida, solidificada, como em outras perspectivas teóricas. E devido a essa

dificuldade subjacente para se realizar uma pesquisa fenomenológica “pura”, muitos pesquisadores dão preferência a uma “aproximação fenomenológica”, tornando-se uma forma de inspiração, abordagem que leva em consideração somente alguns pontos da fenomenologia. Em se tratando desse obstáculo no campo da Geografia, Holzer (2010, p. 40) aponta que:

Como Relph e Tuan já haviam feito, a autora supõe que serão grandes as dificuldades de se adequar a fenomenologia à geografia. Sua proposta, então, é apropriar-se apenas do espírito da fenomenologia, que poderia ser resumido no conceito de “Lebenswelt”, deixando-se de lado o próprio método fenomenológico. A filosofia poderia ajudar apenas no campo conceitual, ao diferenciar o espaço vivido do espaço representacional; e em termos metodológicos na transcendência ao dualismo entre o objetivo e o subjetivo.

Diante disso, algumas inquietações permeiam a presente reflexão sobre a possibilidade de formação de imagens mentais por pessoas cegas. De início, sabe-se que a fenomenologia refuta as representações enquanto um propósito de pesquisa, por considerar que, se o mundo é concebido enquanto representação, não se pode chegar às essências. Então, como abrir mão das representações ao pesquisar percepções de outras pessoas? Em pesquisas fenomenológicas existe a possibilidade de se estudar um fenômeno a partir das próprias experiências ou das experiências de outras pessoas, os participantes da pesquisa. Tendo em vista que se os atos da consciência não forem exteriorizados, não é possível que sejam conhecidos por outras pessoas, a única maneira de fazê-lo é por meio de representações, que podem ser: narrativas, desenhos, mapas mentais, textos escritos ou qualquer outra forma de expressão.

Portanto, para superar esse imbróglio é preciso compreender o que se entende por “representação” em fenomenologia. Madureira (2008)

esclarece que Husserl emprega o termo no decorrer de sua obra, podendo conter diversos sentidos, como o de “mera representação”, de “matéria de ato”, de “ato nominal” ou de “ato objetivante”. As representações, entendidas como formas de expressão das ideias e pensamentos, podem compor uma etapa da pesquisa fenomenológica, mas não podem ser sua finalidade; certamente, deve-se ir além das representações.

A outra inquietação refere-se a redução fenomenológica, proposta por Husserl, que significa colocar entre parênteses pré-concepções dos juízos. Mas, afinal, quais juízos devem ser suspensos? São as teorias acrescentadas pela ciência. Isso implica que, em relação a espaços públicos, que uma localidade perto ou distante, uma praça bonita ou feia, uma construção alta ou baixa, são apreensões subjetivas. Certamente, Merleau-Ponty “aceita a ideia de redução, mas alerta que devemos entendê-la corretamente. Não se deve tomá-la, adverte, como uma retirada de todo envolvimento com o mundo para algum tipo de subjetividade absoluta” (MATTHEWS, 2010, p. 27).

As significações estão carregadas por sentimentos e juízos presentes na imagem mental que as pessoas formulam dos espaços, sendo (re)construídas constantemente, a partir das experiências vividas. Não haveria então, uma intersubjetividade relacionada às implicações sentimentais atribuídas aos fenômenos, as quais poderiam ser o objetivo em uma investigação fenomenológica? As narrativas se fundem em uma visão coletiva na aproximação dos discursos, afinal, subjetividade não é individualismo. Os sentimentos e juízos construídos pelas pessoas videntes relacionados a determinados espaços públicos (como (in)segurança, medo, (des)pertencimento, (des)afetividade, (in)traquilidade) podem não ser partilhados pelas pessoas cegas, pelo fato de perceberem e interagirem com o espaço de maneira diferente.

Pensando na questão da busca das essências, Capalbo (2007, p. 25) afirma que “Merleau-Ponty [...] critica a fenomenologia transcendental concebida como ciência eidética das essências”. Compreende-se que alcançar as essências é um objetivo inatingível, mas a fenomenologia é um constante e inquietante esforço. Um dos caminhos seria a busca por essa intersubjetividade, onde, apesar de cada pessoa possuir sua subjetividade, as concepções são formadas sempre na relação com o mundo, que é comum e partilhada por todos, e “[...] acontece no momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações” (HOLZER, 1997, p. 79).

Sendo assim, as essências podem diferenciar-se dependendo da cultura, distribuída espacialmente⁴ ou temporalmente⁵. Existem intersubjetividades partilhadas por condições biológicas, implicando em uma diferenciação na percepção do mundo? Pressupõe-se que sim e, portanto, pessoas cegas congênitas (que nasceram cegas ou perderam a visão cedo) partilham da mesma intersubjetividade. As pessoas cegas formulam representações, cuja descrição pode não condizer com a percepção dos objetos de pessoas videntes. Questiona-se até que ponto “não condizem com a realidade”, já que os objetos em si (númenos) não são acessíveis pela percepção. Os fenômenos, são aquilo que aparecem à consciência.

Uma pessoa cega relata à outra pessoa a experiência de caminhar por um trajeto que é comum a ambas: suas dificuldades, suas estratégias, a percepção através de outros sentidos. Caso o mesmo

4 O filme “Os deuses devem estar loucos”, retrata a cena onde uma garrafa de coca-cola não possui a mesma essencialidade para a tribo que encontrou do que para a maior parte da população mundial.

5 Pode-se lembrar da utilidade de uma máquina de escrever há duas décadas, e a maneira como é concebida atualmente, enquanto uma peça de museu, ou um objeto antigo guardado de recordação.

relato fosse contado a uma pessoa vidente, não haveria a mesma compreensão do outro, a mesma empatia, por não partilharem da mesma experiência. Ao explicitar os sentimentos e juízos que um grupo de pessoas desenvolve por determinado local, pode sensibilizar a outras pessoas, conformando novas representações coletivas pela partilha de percepções carregadas de sentidos e significados.

Merleau-Ponty (2011) busca um contraponto entre o fisiológico e o vivido, e pondera sobre o conceito de esquema corporal, o modo como o corpo e suas relações biológicas medeiam a interação da pessoa com o mundo. Torna-se indissociável a relação de natureza e cultura, superando a dicotomia entre empirismo/racionalismo, sujeito/objeto, interno/externo, em que a percepção é captada a partir dos sentidos.

Warren (2009, p. 646) aponta que Husserl “descreve a imagem-objeto (ver algo como uma imagem) como uma ‘ficção perceptiva’ sustentada e constituída por meio da ‘imaginação perceptiva’”. Isto leva a crer que a construção de uma imagem mental, não é constituída somente a partir da lembrança visual de uma cena ou objeto, mas também por uma série de elementos perceptivos a partir de outros sentidos.

Uma outra questão envolve a diferenciação entre memória perceptiva e as percepções do momento. Quais as implicações teórico-metodológicas de investigar percepções dos participantes quanto às experiências vivenciadas no presente, ou experiências passadas rememoradas? Lynch (1997) desenvolveu um método de pesquisa para conhecer a “imagem da cidade” construída por seus habitantes. Em um primeiro estágio da pesquisa, realizado em ambiente fechado, os participantes relatavam suas impressões sobre a cidade. Em um momento posterior, os participantes eram entrevistados ao mesmo tempo em que realizavam trajetos pela cidade. Isso implica refletir que recordar uma experiência não é a mesma coisa que vivenciar de fato.

Ao recordar, vários elementos podem ser esquecidos, ou até mesmo a pessoa pode ter “lembranças falsas”, confundindo-se com outras situações. Por outro lado, no momento em que ocorre a situação de caminhar pelas ruas, a profusão de diversos sons, cheiros, sensações táteis ocorrendo ao mesmo tempo, dificultam o processamento de todas essas informações. Portanto, ambos os tempos da pesquisa são válidos e necessários ao registrar a experiência de diferentes perspectivas.

IMAGENS MENTAIS PARA A GEOGRAFIA

O termo “representação do espaço”, na Geografia logo remete à Cartografia. Esta é uma das formas de representação, porém, existe uma gama maior de conceitos aos quais o termo pode ser associado. Quando o espaço é dividido em categorias conceituais, já o está sendo representado. Kozel (2007, p. 117), defende os mapas mentais enquanto forma de representação, e considera que “o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências”. Tal questão permite uma construção metodológica na qual as pessoas podem se expressar através do desenho para que sejam entendidas.

O empecilho de se utilizar esse método para pesquisas com pessoas cegas, é que não se sentem à vontade para desenhar, pois a maioria não recebeu o incentivo para o desenho quando crianças, e não se apropriaram do desenho enquanto uma linguagem, forma de expressão. Em geral, ao imaginar determinado percurso conhecido, é possível formular antecipadamente “mapas na mente” que orientam esse caminho com base em elementos referenciais, como estabelecimentos comerciais, construções, placas, entre outros. O

Imagens mentais de pessoas cegas: a percepção ambiental na geografia fenomenológica

Bianca Beatriz Roqué e Alessandro Filla Rosaneli

termo “mapas na mente” é diferente do conceito de “mapas mentais”, cujo entendimento poderia ser expresso como: “[...] uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances cujos signos são construções sociais” (KOZEL, 2007, p. 115).

Tuan (2013, p. 93) levanta um questionamento que encaminha para uma reflexão acerca dos mapas mentais de pessoas cegas em espaços públicos:

como os seres humanos adquirem a habilidade de ziguezaguear em um ambiente desconhecido, como no caso das ruas de uma cidade estranha? Os indicadores visuais têm importância fundamental, mas as pessoas dependem de mapas mentais conscientes bem menos do que elas possam pensar.

Para comprovar, o mesmo autor cita o trabalho experimental de Warner Brown e sugere que, “quando as pessoas conseguem reconhecer a rede de ruas, elas executam uma série de movimentos corretos em direção aos referenciais conhecidos” (TUAN, 2013, p. 95). Mas será que as pessoas cegas formulariam representações mentais semelhantes?

As pessoas cegas que se locomovem sozinhas, mesmo as congênitas podem formular mapas na mente e prever o trajeto a ser percorrido. Nesse sentido, os mapas mentais são necessariamente representações gráficas, enquanto mapas na mente são representações formuladas exclusivamente na mente como forma de pensamento, sem necessariamente serem expressas em forma de linguagem. Nessas experiências cotidianas vividas no caminhar, experimentam-se novos cheiros, sons, sabores, vivem-se aventuras, correm-se riscos, sente-se vivo e instigado a desbravar um mundo cheio de surpresas e desafios. Assim, tais mapas podem ser expressos verbalmente, permitindo ao investigador acesso às representações das pessoas.

O conceito de escala para a Geografia pode ser transposto para a questão da percepção do mundo. Os sentidos da visão e audição, conforme coloca Pearce (1982), são de longo alcance. Não necessitam ter sua origem próxima ou em contato com o corpo para serem percebidos. Com a visão podemos alcançar a lua e as estrelas. Nas palavras de Le Breton (2016, p. 69) a visão “cobre toda distância, e a distância busca suas percepções”. Para pessoas cegas, as experiências têm escalas distintas, onde não é possível apreciar elementos distantes alcançados pela visão, os objetos ao alcance do corpo tornam-se o foco da atenção, sendo percebidos em detalhes, como as texturas dos pisos, os sons que formam diferentes ritmos, os cheiros dos lugares que provocam sensações gustativas e as interações com as pessoas.

Portanto, “a experiência é a escala epistemológica para a qual a fenomenologia está voltada” (MARANDOLA JR, 2016, p. 456). A representação do mundo é construída em nossa consciência a partir da sensação e da percepção. Para Oliveira (2004, p.191), “(s)ensação é a condição básica sensorial da percepção, necessitando de um órgão corporal sensorial para realizar. Percepção é a apreensão de uma qualidade sensível acrescida de uma significação”. Para pessoas cegas, as imagens mentais não são visuais, mas constituídas a partir das percepções captadas pelos sentidos remanescentes.

A escolha de determinado trajeto ou lado da calçada para caminhar pode ser por questões (des)afetivas. Deixa-se de passar por certos lugares por más experiências, a exemplo de acidentes, assaltos. Por outras vezes, caminha-se por trajetos mais longos para passar por lugares que despertam bons sentimentos. Tuan (2012) desenvolve o conceito de topofilia, relacionado com as afetividades para com o lugar. Amorim Filho (1996, p. 139) sugere o conceito de topofobia, que seria o contrário, o medo em relação ao lugar. Portanto, vislumbra-se grande potencial explicativo de tal método na Geografia.

IMAGENS MENTAIS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Os espaços públicos foram escolhidos para esse trabalho pois ao compreender as vivências de outras pessoas, modificam-se as próprias concepções sobre o objeto. Passa-se a perceber através de outras perspectivas. Concorde-se que “as significações da palavra pública são influenciadas pela localização, que as modifica ou orienta, e, ao mesmo tempo, essa palavra e o diálogo contribuem para modificar também a significação dos lugares” (GOMES, 2012, p. 25). O espaço público é o lugar do encontro, da convivência com as pessoas, das trocas. Gomes (2012, p. 27) afirma que “a rua pode ser vista como a unidade fundamental e mínima desse homem público. Ela é multifuncional, há uma infinidade de possibilidades de apresentar e de justificar a presença nesse espaço”.

Assim como na Fenomenologia e na Geografia, autores relacionados ao espaço público também discutem a questão da representação. Ferrara (1988, p. 8) aponta que “toda prática humana é cultural, e, necessariamente, representativa, ou seja, esta representação concretiza nossos próprios pensamentos”. Sendo assim, o próprio ato de pensar uma representação, e esta a única maneira de conhecer o mundo, o pensamento não é mais concebido enquanto subjetividade, como aponta Gomes (2013, p. 167),

se abandonarmos a dualidade entre uma realidade e suas representações e instituímos que a realidade é ela mesma um sistema representacional, podemos vê-la como construção objetiva, unificada, com coerência interna (lógica) e externa (empírica), e assim abandonar as tradicionais e comuns oposições real/pensamento, coisa/ideia, sujeito/objeto.

A representação seria, então, o pensamento da pessoa em relação ao espaço público. Thibaud (2013, p. 103) ajuda a estruturar

a investigação quando afirma que “a experiência de uma ambiência se traduz mediante descrições produzidas pelos cidadãos sobre suas próprias sensações e impressões”. Isto leva a crer que as descrições produzidas deverão ser gravadas, transcritas e analisadas, para depois serem interpretadas, como afirma Ferrara (1988, p.3):

podem gerar, se relacionadas, três operações fundamentais: percepção, leitura e interpretação. Neste enfoque de análise, a percepção urbana é a primeira, mas apenas uma das etapas de um processo mais complexo que envolve a compreensão da imagem urbana como fonte de informação sobre a cidade.

Mas quais aspectos devem ser considerados nestas descrições? Uma resposta possível seria “eu me interessar pela maneira como os percursos são afetados, ou seja, mostram-se sensíveis às contingências da praça, ao mesmo tempo que dotados de valores emocionais” (THIBAUD, 2013, p. 104). Mais que um trajeto percorrido para se ir de um ponto a outro, o espaço público pode suscitar uma experiência dotada de afetividade, do prazer de estar presente apenas por estar como expõe Gehl (2011, p. 133) que “o ato de caminhar é muitas vezes um ato necessário, mas também pode ser uma desculpa para estar presente – ‘Eu vou apenas passar por caminhar’”.

Dischinger (2000) trabalha com o método denominado “passeio acompanhado”, que consiste em acompanhar os participantes da pesquisa em trajetos, onde são registrados os relatos e feitos questionamentos ao mesmo tempo em que se vivenciam as experiências. Lynch e Hack (1984, p. 87), por sua vez, cita um procedimento semelhante, chamado “behavior circuits”, onde acompanha a pessoa dialogando, em um circuito cotidiano.

Há casos de pessoas cegas que não desenvolveram a habilidade de caminharem sozinhas, tornando-se dependentes de acompanhantes,

Imagens mentais de pessoas cegas: a percepção ambiental na geografia fenomenológica

Bianca Beatriz Roqué e Alessandro Filla Rosaneli

e, por consequência, permanecendo a maior parte do tempo em casa. Damatta (1997) mostra como a casa é considerada no imaginário social um lugar particular, individual, íntimo, seguro e protegido, em oposição à rua, um ambiente perigoso e sem privacidade. Por outro lado, estas relações podem ser pensadas inversamente. A casa pode representar prisão, tédio, angústia, silêncio e solidão, pensando que as dinâmicas da casa não são tão inconstantes quanto a dos espaços públicos.

Em contrapartida, o ato de caminhar sozinho pode conferir à pessoa um sentimento de liberdade, de independência, de poder ir e vir quando e onde desejar, de poder explorar maior variação de texturas, sons, cheiros e sabores, possibilitando a busca não somente de uma intensificação dos sentidos biológicos humanos, mas do sentido existencial. Juhani Palaasmaa considera todos os sentidos, incluindo a vista, como prolongamentos do sentido do tato, já que todas as experiências sensoriais são modos de tocar, colocando que “a cidade e meu corpo se complementam e se definem um ao outro. Habito na cidade e a cidade habita em mim” (PALLASMAA, 2006, p. 42).

Para Merleau-Ponty (2007, p. 17), a pessoa pode “ser ao mesmo tempo vidente e visível”. A pessoa cega não consegue ver, mas é vista. Nos espaços públicos esta visibilidade aumenta, o diferente atrai olhares curiosos que passam a indagar como as pessoas cegas caminham sozinhas. Qual seria então, o sentimento de saber que está a todo momento sendo visto, sem poder ver? Esse pode ser um motivo a levar pessoas a preferirem estar em casa, em detrimento de espaços públicos. Um outro motivo está no fato de que as ruas podem não estar adequadas a estas pessoas.

Nas ruas, é inegável a cultura visual: os nomes em placas são escritos, os semáforos de travessias de pedestres raramente são sonoros, dificilmente há informações táteis ou auditivas, apontando

o esquecimento da parcela da população que possui cegueira ou baixa visão. Assim, como as pessoas videntes ficam desorientadas pela falta de informações em espaços públicos, as pessoas cegas podem acabar desorientadas por falta de informação voltada para elas. Isto não se deve a suas limitações, mas à falta de acessibilidade física e humana. Concorda-se com Lynch (1997) quando aponta que a desorientação causa um sentimento de angústia, afetando o equilíbrio e bem-estar.

IMAGENS MENTAIS DAS PESSOAS CEGAS

As narrativas de pessoas cegas podem adquirir status de arte e, na literatura, o leitor pode se colocar no lugar do outro praticando o exercício de variações imaginativas, mesmo não sendo cego. Portanto, existe a possibilidade de investigar estas narrativas, em fontes secundárias, como: filmes, documentários, artigos científicos, blogs, literatura ficcional, descrições textuais, notícias de jornal (mesmo se tratando de espaços inexistentes), sendo todas formas de linguagens.

Ao tomar contato com esses materiais, a imersão no mundo da pessoa cega pode criar no imaginário das pessoas videntes uma aproximação, permitindo a tomada de conhecimento em que as pessoas, ao interiorizarem outras formas de ser e estar no mundo, passam a criar outras perspectivas de apreciação do espaço. Isto torna as pessoas mais sensíveis, aumenta a capacidade de empatia, de compreender a alteridade.

Chegamos ao grande problema da questão. O problema da compreensão mútua. Como pessoas cegas e pessoas com visão podem realmente se entender? Como homens podem compreender as mulheres? Como os ricos podem entender os pobres? Como os velhos podem entender os jovens? Podemos ter percepção sobre as outras pessoas? Esta é a grande questão

Imagens mentais de pessoas cegas: a percepção ambiental na geografia fenomenológica

Bianca Beatriz Roqué e Alessandro Filla Rosaneli

sobre a qual depende a unidade de nossa humanidade (NOTES ON BLINDNESS, 2016).

Uma das preconcepções sobre a cegueira e que não condiz com o que as pessoas cegas pensam de si é a ideia de que elas possuem os outros sentidos mais apurados. Esse fato ocorre devido à prática corriqueira que Merleau-Ponty (2011, p. 2010) associa ao conceito de “hábito”, que “é ao mesmo tempo motor e perceptivo”. Na verdade, os sentidos remanescentes passam a ser mais desenvolvidos pela prática ao longo da experiência de vida. Um sommelier, que consegue distinguir sutis nuances de cheiros e sabores; ou um músico, que identifica notas musicais com facilidade apenas ouvindo, não nasceram com os sentidos gusto-olfativo e auditivo mais apurados, mas foram, ao longo do tempo exercitando estes sentidos da percepção, passando a desenvolver tais sensibilidades.

As pessoas cegas passam a exercitar mais intensamente os outros sentidos pela necessidade da localização, como relata o entrevistado no documentário “Sentidos a flor da pele” dirigido por Mocarzel (2008):

A gente precisa se localizar e então a gente perde a visão começa a usar sentidos que não precisava usar, porque a visão supria tudo. Sem querer eu fui aos poucos me acostumando ao que eu ouvia, o que a audição me informava. O que o olfato me informava.

O outro ponto trata da questão que está para além da localização. A percepção ambiental é uma ligação da pessoa com o mundo. No que tange o sentido da audição, o personagem cego do filme “Notes on Blindness” dirigido por Peter Middleton (2016) relata uma experiência que vivenciou com a chuva:

Uma nota sobre a experiência de ouvir a chuva caindo. Esta tarde, eu sai pela porta da frente da casa e estava chovendo.

Fiquei parado por alguns minutos, perdido na beleza daquilo. a chuva traz todos os contornos que está ao seu redor [...] à medida que introduz um cobertor de um som diferenciado e especializado [...] que preenche todo o ambiente sonoro (NOTES ON BLINDNESS, 2016).

A chuva, quando entra em contato com as superfícies do ambiente, produz diferentes tipos de sons simultaneamente, recobrando o ambiente por completo. Como a visão e a audição são os únicos sentidos de longo alcance (PEARCE, 1982) a pessoa cega conta apenas com o sentido da audição. É como se a pessoa construísse uma imagem do ambiente através do som.

Outra possibilidade de se construir esta imagem do ambiente é a ecolocalização, onde as vibrações do som, ao entrar em contato com as superfícies, reverbera produzindo um eco, como nesse relato de uma pessoa cega que se utiliza dessa técnica:

Fazendo “cliques” com a boca, ele consegue criar imagens mentais sobre o ambiente, que o permitem realizar tarefas consideradas difíceis para pessoas cegas, como andar de bicicleta ou caminhar por trilhas desconhecidas [...] Kish explica que o som funciona para ele da mesma forma que a luz para os videntes. Ao fazer cliques com a boca, seu cérebro interpreta o eco para criar uma representação espacial do ambiente (MATSUURA, 2017).

A outra questão advém das formas de adaptação do cérebro à condição da cegueira, que diferencia as representações mentais de pessoas cegas congênitas e da cegueira adquirida, ou das pessoas que tornaram-se cegas há mais ou menos tempo. As vivências cotidianas, experiências de pessoas cegas, são estudadas por Oliver Sacks, que busca compreender a vida de seus pacientes e registrar depoimentos sobre como os casos de distúrbios afetam seus cotidianos, para compreender não apenas as causas fisiológicas das doenças, mas sim

Imagens mentais de pessoas cegas: a percepção ambiental na geografia fenomenológica

Bianca Beatriz Roqué e Alessandro Filla Rosaneli

como interferem em seu modo de vida. Para Sacks (2010, p. 192), “[...] isolado do exterior, o córtex visual torna-se hipersensível a todo o tipo de estímulo interno: sua própria atividade autônoma, sinais vindos de outras áreas cerebrais – áreas auditivas, táteis e verbais –, e pensamentos, memórias e emoções”.

Isso significa que cada sensação está relacionada a uma parte do cérebro que transforma em percepção. Quando a visão é interrompida, a plasticidade cerebral faz com que a pessoa passe a “enxergar” a partir de outros sentidos, a formular imagens mentais não visuais. Pensando no sentido do tato, a bengala passa a ser uma extensão de seu corpo, podendo substituir, em partes, o sentido da visão. No documentário “Sentidos à Flor da Pele”, um entrevistado diz: “nós vemos o mundo pela combinação de todos os sentidos, e não é a falta de um deles que nos impede de ver o mundo. Continuamos a ver o mundo, só que de forma subjetivamente diferente”.

Refletindo sobre o sentido da localização, é possível concluir que a representação mental, a antecipação do trajeto, não ocorre apenas para pessoas videntes, mas também para pessoas cegas. A falta do sentido da visão não tem relação com o senso de orientação, localização e direção. O documentário “A Janela da Alma” dirigido por Carvalho e Jardim (2001) apresenta diversos casos de pessoas cegas ou com baixa visão. Em uma entrevista feita com Arnaldo Godoy, cego, na época vereador de Belo Horizonte, ele explicava o caminho a ser percorrido enquanto o carro estava em movimento. O repórter perguntou a ele, como ele sabia o caminho, se ele não via. Arnaldo Godoy responde “A gente vai fazendo um mapa na cabeça sempre” (CARVALHO E JARDIM, 2001).

Em artigos científicos, para compreender a localização de pessoas ao caminharem em espaços públicos, Golin et al (2009) buscam retratar experiências empíricas de pessoas cegas em espaços públicos,

construindo mapas táteis a partir das narrativas coletadas nos passeios acompanhados. Percorrendo um trajeto nos espaços públicos junto aos pesquisadores, retrataram seus referenciais de locomoção, desenhando depois a representação do caminho. Almeida e Loch (2005) confeccionaram um mapa tátil para fixar no terminal rodoviário urbano da cidade de Florianópolis, com a finalidade de auxiliar outras pessoas com deficiência visual que não tenham conhecimento do trajeto.

Pensando tal questão na inter-relação pessoa-meio, estabelecem-se sentimentos e juízos relacionados aos espaços públicos. Há elementos na cidade que podem favorecer a orientação para pessoas videntes, e outros que podem favorecer para pessoas não videntes. Existe um mal-estar de pessoas cegas ao estarem perdidas em espaços públicos, e seus sentimentos e juízos relacionados à experiência de atravessar ruas, como pode se observar nesse relato:

Atravessar a rua, atividade rotineira, normal para a grande maioria da população, configura-se num momento de tensão para ela e para tantos outros. Locais em que não tem costume caminhar requerem todo cuidado [...] “Diversas vezes atravessei a rua pegando carona com outras pessoas, mesmo sem elas saberem. Fico atenta, procuro sempre ter certeza de que o sinal fechou, fico à espreita até que vários carros parem, assim fica-me claro que posso atravessar tranquila” (OLIVEIRA, 2016, p. 57).

O relato dessas pessoas tem a possibilidade de colaborar com o planejamento e a gestão da cidade de forma mais humanizada, a partir da perspectiva do outro. Nesse sentido, a narrativa ultrapassa a representação mental, considerando que há diferentes concepções e sentimentos, pois são carregadas de memórias, sejam topofílicas ou topofóbicas.

Um erro comum de pessoas videntes, é pensar que pessoas cegas “enxergam” qual uma escuridão eterna. Há níveis de cegueira em que

Imagens mentais de pessoas cegas: a percepção ambiental na geografia fenomenológica

Bianca Beatriz Roqué e Alessandro Filla Rosaneli

cada pessoa percebe de formas diferentes. Algumas são capazes de distinguir cores, outras de perceber as sombras. A história ficcional escrita por Fuks (2007, p. 23) permite ampliar essa compreensão, na medida em que para a pessoa cega “a luz não lhe é indiferente. Nem na sua total ausência lhe concede a escuridão perfeita. As pessoas concebem o cego como alguém encerrado em um mundo negro; não sabem que essa é uma das cores das quais mais sente falta”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Ter em minha mente uma imagem mental do ambiente nas ruas e a cidade ao meu redor é como ter o mundo restaurado de novo para mim "
Notes on Blindness (2016)

A frase é do personagem cego após retornar ao seu local de origem. A pessoa que vive durante muito tempo na mesma cidade, constrói essa imagem mental do ambiente de modo a se familiarizar, tornando o ambiente, um lugar. Como se expõe na epígrafe, as ruas tornam-se importantes para a vida cotidiana na cidade não apenas enquanto um trajeto de mobilidade, mas a criação de um elo afetivo da pessoa com o lugar.

Se todos os sentidos contribuem para uma composição perceptiva, é possível formular uma imagem da cidade ao caminhar pelo espaço público, sem que essa representação seja necessariamente visual. Em referência às pessoas cegas, seus sentidos remanescentes criam imagens mentais que conformam a experiência do lugar.

A familiaridade com o lugar promove sensação de conforto e segurança, relações que se constroem aos poucos, com o tempo. Para “sentir” um lugar leva mais tempo: isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia

ao longo dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (TUAN, 2013, p. 224). Os referenciais vão sendo construídos e ampliados, ao percorrer um trajeto com frequência. A sequência de referências vai se tornando contínua, constituindo uma imagem mental do trajeto. As referências são percebidas por todos os sentidos remanescentes, e podem ser compostas por vários deles.

Portanto, uma das maneiras de viver experiências fenomenológicas é despir-se de todos os pré-conceitos existentes e abrir-se para o conhecimento, imergir em novas culturas, conviver com a alteridade, conversar com as pessoas, para compreender o que sentem, como pensam, agem e vivem.

Os conceitos de representação, sentidos, percepção e lugar foram tratados por autores que abordaram a Fenomenologia, a Geografia, o espaço público e as pessoas cegas. Conclui-se que é possível que as pessoas cegas construam o sentido da Geografia que as envolve, percebendo por meio de seus sentidos remanescentes. ○

REFERÊNCIAS

A JANELA DA ALMA. Direção: Walter Carvalho, João Jardim. (documentário). Brasil: Copacabana Filmes, 2001. 1 DVD (73 min.). sonoro, legenda, color.

ALMEIDA, L. C.; LOCH, R. E. N. Mapa tátil: passaporte para a inclusão. **Extensio – revista eletrônica de extensão**, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.extensio.ufsc.br/20052/Direitos_Humanos_CFH_147.pdf> . Acesso em: 4 mai 2017.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: OLIVEIRA, Livia de; DEL RIO, Vicente. **Percepção**

Imagens mentais de pessoas cegas: a percepção ambiental na geografia fenomenológica

Bianca Beatriz Roqué e Alessandro Filla Rosaneli

Ambiental: A experiência brasileira. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

CAPALBO, Creuza. A subjetividade e a experiência do outro: Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl. **Revista Abordagem Gestaltica**. v.13 n.1 Goiânia jun. 2007

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DISCHINGER, Marta. **Designing for all senses: accessible spaces for visually impaired citizens**. Göteborg, Suécia, 2000.

FERRARA, Lucrecia d Alessio. **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

FUKS, Julián. **Histórias de Literatura e cegueira**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GEHL, Jan. **Life Between Buildings: Using Public Space**. Washington; Covelo; London: Island Press, 2011

GOLIN, Geisa; NOGUEIRA, Ruth; ALEXANDRE, Gabriela C.; CABRAL, Josiane M. Mapas mentais de deficientes visuais como suporte ao design da informação urbana na Web. **InfoDesign Revista Brasileira de Design da Informação**. 2009. Disponível em: <https://infodesign.emnuvens.com.br/public/journals/1/No.1-Vol.6-2009/ID_v6_n1_2009_15_25_Golin_et_al.pdf?download=1>. Acesso em: 08 jun. 2017

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio-ambiente. **Território**. ano II, n.º 3 (jul. / dez. 1997). Rio de Janeiro: Garamond, 1997. p. 77-85.

HOLZER, Werther. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia. In: ROZENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato. **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 37-72.

KOZEL, Salette Teixeira. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: Kozel, S., & Gil, S. F., Filho (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem, EDUFRO, 2007.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LYNCH, Kevin; HACK, Gary. **Site Planning**. 3rd Ed. MIT, 1984.

PALLASMAA, Juhani. **Los ojos de la piel**. La arquitectura y los sentidos. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

MADUREIRA, Jonas Moreira. **Fenomenologia das representações sobre a equivocação do termo "representação" na tese "todos os atos ou são representações ou se fundam em representações" arrazoada por Edmund Husserl na V Investigação das Investigações lógicas**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2008.

MARANDOLA JR, Eduardo. Geografias do porvir: a fenomenologia como abertura para o saber geográfico. In: SPÓSITO, Eliseu Savério. et. al. **A diversidade da Geografia Brasileira: Escalas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.

MARANDOLA JR., Eduardo. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**. v. 15, n. 24, p. 49-67, 2005.

MATSUURA, Sérgio. Cego desde a infância, americano aprende a 'enxergar' usando o som. **Jornal O globo**. 2017. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/to-dentro/post/cego-desde->

Imagens mentais de pessoas cegas: a percepção ambiental na geografia fenomenológica

Bianca Beatriz Roqué e Alessandro Filla Rosaneli

infancia-americano-aprende-enxergar-usando-o-som.html?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo>. Acesso em: 04 nov. 2017.

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. São Paulo: Vozes, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NOTES ON BLINDNESS. Direção: Peter Middleton, James Spinney. Reino Unido: Jo-Jo Ellison, 2016. 1 filme (86 min). sonoro, legenda, color.

OLIVEIRA, Kelita. **Alcançando além da visão**: Kelita decidiu vencer. Fortaleza: Premius, 2016.

OLIVEIRA, Livia de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia. In: MENDONÇA, Francisco. **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Editora UFPR: Curitiba, 2004.

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS. Direção: Jamie Uys África do Sul/Botswana, 20th Century Fox, 1980. 1 filme (109 min). sonoro, legenda, color.

PALLASMAA, Juhani. **Los ojos de la piel**. La arquitectura y los sentidos. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

PEARCE, Joseph Chilton. **A criança mágica**: a redescoberta do plano da natureza para nossas crianças. Trad. Cinthia Barki. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

SACKS, Oliver. **O olhar da mente**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

SENTIDOS A FLOR DA PELE. Direção: Evaldo Mocarzel. Brasil: 24VPS Filmes, Casa Azul, Superfilmes, TV Cultura e SESC TV, 2008. 1 DVD (80 min), sonoro, legenda, color.

TEIXEIRA, Dario. Husserl e a especificidade da valoração. **ethic@**. v.12, n.2, p.256-271, Florianópolis, Dez. 2013.

THIBAUD, Jean Paul. Ambiências de passagem – figuras, condutas, medidas. In: DUARTE, R. C.; VILLANOVA, R. **Novos olhares sobre o lugar**: ferramentas, metodologias, da arquitetura à antropologia. Rio de Janeiro: ContraCapa; FAPERJ, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Trad. de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

WARREN, Nicolas de. Consciência virtual e imaginário. **Revista Scientiæ zudia**. v. 7, n. 4, p. 639-652. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v7n4/ao6v7n4.pdf>> Acesso em: 22 maio 2017.

Recebido em Dezembro de 2018.

Aceito em Março de 2018.